

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Maio 2021

GUIA DE LEITURA

O enigma do quarto 622 - Joël Dicker



JOËL DICKER

Biografia: Joël Dicker nasceu a 16 de junho de 1985 em Genebra, Suíça. Frequentou as escolas de Genebra. Aos 19 anos, inscreveu-se no Cours Florent em Paris. Ao fim de um ano regressou à Suíça para frequentar a Faculdade de Direito, onde tirou o Mestrado em Direito na Universidade de Genebra em 2010. Em 2010, aos 25 anos, Dicker venceu o Prix des Ecrivains Genevois (Prémios dos Escritores de Genebra), um prémio prestigiante para manuscritos não publicados. Subsequentemente, o editor parisiense Bernard de Fallois adquiriu a submissão vencedora de Dicker, *Les Derniers Jours de Nos Pères*, e publicou-a no início de 2012. Seis meses mais tarde, em setembro de 2012, de Fallois publicou *La Vérité sur l’Affaire Harry Quebert*, de Dicker. Na Feira do Livro de Frankfurt de 2012, muitos editores estrangeiros adquiriram os direitos de publicação de Bernard de Fallois. O livro foi traduzido em 32

idiomas. No final de outubro de 2012, *La Vérité... (A Verdade...)* venceu o Grand Prix du Roman de l’Académie française de 2012. Ficou na lista de finalista do Prémio Goncourt e do Prémio Femina. Em novembro de 2012, *La Vérité...* venceu o Prémio Goncourt des Lycéens. Para este prémio, 2000 estudantes do ensino secundário francófonos votaram no seu romance favorito de entre os finalistas desse ano do Prémio Goncourt. No Verão de 2013, *La Vérité...* bateu o livro de Dan Brown *Inferno* do topo das listas de mais vendidos por toda a Europa. Os primeiros leitores da tradução inglesa descreveram o livro como "literário e inteligente." Considerado a resposta da Suíça ao *The Girl with the Dragon Tattoo*, e comparado à ficção de Nabokov e Roth bem como as séries televisivas *Twin Peaks*, *The Truth About the Harry Quebert Affair* foi publicado nos Estados Unidos pela Penguin a 27 de maio de 2014. Foi uma das maiores aquisições originais na história dos Penguin Books. Em Portugal foram publicados *A verdade sobre o caso Harry Quebert* em 2013 pela Objectiva e *Os últimos dias dos nossos pais* em 2014 pela Alfaguara. O terceiro romance de Dicker, *Le Livre des Baltimore*, foi publicado a 26 de setembro de 2015.



Sinopse de *O Enigma do Quarto 622*:

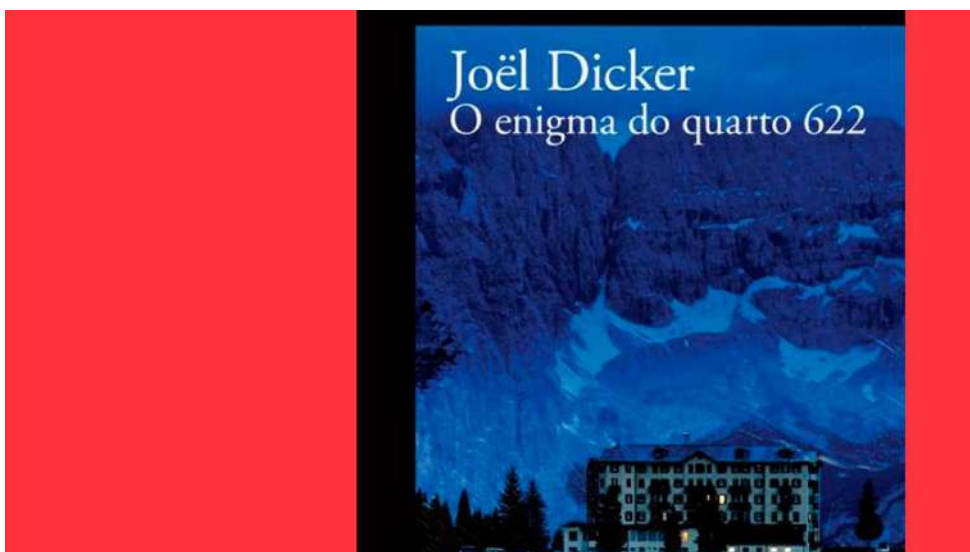
Numa noite de Dezembro, um cadáver jaz no chão do quarto 622 do Palace de Verbier, um luxuoso hotel nos Alpes suíços. A morte misteriosa ocorre em plena festa anual de um prestigiado banco suíço, nas vésperas da nomeação do seu presidente. A investigação policial nada conclui e a passagem do tempo leva a que o caso seja praticamente esquecido.

Quinze anos mais tarde, o escritor Joël Dicker hospeda-se nesse mesmo hotel para recuperar de um desgosto amoroso e para fazer o luto do seu estimado editor. Ao dar entrada no hotel para o que esperava ser uns dias de tranquilidade e inspiração, não imaginava que acabaria a investigar esse crime do passado.

O Enigma do Quarto 622: um autêntico page-turner

By [Leonor Alinho](#) | ComUM

30Ago2020



Jöel Dicker, autor de origem suíça, fornece-nos uma estória onde também ele é uma personagem. Mistério, traições, dramas familiares, crime, personagens complexas e intrigantes e uma narrativa de vários tempos tornam *O Enigma do Quarto 622* um autêntico *page-turner*.

Há um cadáver no chão do quarto 622, no Palácio de Verbier. É esta a informação que nos é dada no Prólogo deste livro. Passados 15 anos, o escritor Jöel Dicker, personagem e autor de *O Enigma do Quarto 622*, decide hospedar-se neste mesmo hotel, de modo a ultrapassar a fase em que se encontra: um grande desgosto amoroso e o luto do seu amigo e editor, Bernard de Fallois. Joel pretende passar estes dias sozinho e em descanso. Contudo conhece Scarlett, uma inglesa hospedada no quarto ao lado do seu. Scarlett acaba, então por convencer Joel a tentar resolver o mistério, pois acredita que este será um bom tema para um livro.



DR

A estória passa-se em tempos diversos: os tempos que antecedem o homicídio, o fim de semana do homicídio e o presente, em que Jöel e Scarlett tentam juntar as peças da investigação. Juntamente a estes capítulos, o livro apresenta também alguns que nos dão a conhecer melhor a história das diversas personagens que nos são apresentadas. Ao início, confesso que pode ser difícil de acompanhar, mas o vocabulário relativamente simples e os capítulos curtos, tornam esta obra rapidamente um *page-turner*.

O Enigma do Quarto 622 ganha, principalmente, com as suas personagens. Complexas, ricas, apaixonantes e intrigantes, as personagens da obra de Dicker fazem-nos sentir como se as conhecêssemos há bastante tempo. Aliás, chega a ser triste desfazermos-nos delas quando o livro acaba. O facto de alguns capítulos serem dedicados a certas personagens e ao seu passado, ajuda-nos bastante a compreendê-las melhor e a que estas se tornem um bocadinho mais reais.

Neste livro, o autor faz uma mistura praticamente perfeita da realidade e da ficção. Os pontos verdadeiros, como a morte do seu editor, alicerçados ao facto desta narrativa ser ambientada na Suíça, país de origem de Dicker, deixam-nos toda uma envolvimento muito pessoal e intimista.

A temática, as personagens, a linguagem e a genialidade de todo o enredo, tornam este livro, com mais de 600 páginas, algo de fácil e rápida leitura. Foi o meu primeiro contacto com a obra de Dicker, mas fica a vontade de conhecer mais e, certamente, não me esquecerei tão cedo de algumas personagens.

Na Suíça dos banqueiros, a nova trama policial do escritor que já vendeu 10 milhões de livros

No livro “O Enigma do Quarto 622”, o suíço Joël Dicker transformou o carrossel das finanças da Suíça em cenário para uma agitada história de detetive que reúne operadores da bolsa de valores, tribos rivais de banqueiros e corretores inescrupulosos

Luís Antônio Giron • 18/04/21 • 16h11 / NEOFEED



O idílico lago Léman, onde se passa a trama do novo romane policial de Joël Dicker

O departamento de contabilidade de um banco pode não oferecer o ambiente mais propício para ocorrer alguma coisa mais agitada que bocejos e discussões sobre planilhas. E se essa instituição financeira tem sede na Suíça, então, a probabilidade de qualquer turbulência ali se torna ainda mais remota.

Mas é esse o local que o escritor Joël Dicker escolheu para povoar de personagens e decifrar a autoria de um assassinato no romance “O Enigma do Quarto 622”.

A ambientação pouco usual para uma história desse tipo fez sucesso. O livro foi lançado em meados de 2020 na França, vendeu imediatamente 500 mil exemplares e se tornou a história de suspense de maior êxito da temporada na Europa.

Trata-se do quinto título policial de Dicker, um advogado tributarista de 35 anos, natural de Genebra, onde mora desde criança. Hábil em contabilidade, ele já prestou serviços para corretoras, bancos e autarquias do governo, mas resolveu se dedicar à literatura.

Dicker se diz admirador do romance americano do século XX de Philip Roth, John Updike e Don De Lillo. “Esses autores me influenciaram tanto que ambientei alguns de meus romances nos Estados Unidos”, diz.

Embora tenha morado somente por alguns meses nos Estados Unidos, Dicker exibe uma intimidade com o *american way of life*, do qual ele fez saborosas sátiras sociais, sobretudo em torno da forma como a acumulação de riqueza pode resultar em enredos turbulentos, caso as fortunas não sejam administradas segundo regras de compliance.

Em 2012, Dicker lançou o seu segundo romance no gênero, “A Verdade sobre o caso Harry Quebert”. A trama se passa em uma cidade litorânea de New Hampshire e trata de um escritor famoso, suspeito pelo assassinato de uma jovem e envolvido em escândalos financeiros.

O livro foi finalista do prêmio Goncourt e vencedor do Grande Prêmio de Romance da Academia Francesa. Os severos críticos francófonos destacaram a capacidade de Dicker em misturar suspense e sátira social e armar conflitos com a precisão de um relojoeiro suíço, por mais que a imagem soe como lugar comum.

“Harry Quebert” vendeu mais de um milhão de exemplares somente nos Estados Unidos e inspirou uma minissérie homônima estrelada por Patrick Dempsey e disponível no Brasil no serviço de streaming Globoplay.

Seus demais títulos giram em torno da combinação entre a sedução pelo mistério, as referências literárias e o tilintar de moedas. São eles “Os últimos dias de nossos pais”, “O livro de Baltimore” e “O desaparecimento de Stephanie Mailer”. A soma de todos os livros atinge 10 milhões de cópias vendidas mundialmente.



Até ter a ideia de publicar “O Enigma do Quarto 622”, Dicker não tinha imaginava que a Suíça pudesse interessar o público leitor ou o espectador. “O única programa suíço que eu gosto de ler é a previsão do tempo”, afirma Dicker. “Ali acontece alguma agitação, entre nevascas, temporais e soterramentos.”

O romance novo marca uma virada, pois ele se viu capaz de arrancar cobras, lagartos e estiletes do universo das organizações financeiras à beira do idílico lago Léman, onde o único movimento visível é o jorro do enorme chafariz, o ponto turístico da cidade. No mais, a bela vista do lago parece suavizar qualquer confronto possível.

“A Suíça é um ambiente aparentemente sonolento”, afirma Dicker. “Mas é sempre possível extrair histórias incríveis até de universos desse tipo.”

“O Enigma do Quarto 622” tem como pano de fundo a luta sucessória em um banco privado em Genebra, o tradicional Banco Ebezner. Quando morre o fundador Abel Ebezner, seu filho Macaire esperava por uma sucessão natural. Mas se vê preterido por um profissional mais aplicado e escrupuloso, Lev Levovitch.

O narrador é um jovem escritor de sucesso chamado Joël. Ele tira férias em um luxuoso hotel nas montanhas, e acaba se hospedando em um quarto com número estranho: 621 bis. Na realidade, o número foi alterado porque nele foi descoberto o cadáver de um primo de Macaire, Jean-Bénédict, executivo do banco que também estava na disputa pela presidência.

Circulam pelas mais de 500 páginas do livro grupos de operadores da bolsa de valores, tribos rivais de banqueiros e corretores inescrupulosos. Isso sem contar uma aristocrata russa, Olga, viúva de um oligarca interessada em “casar bem” suas duas filhas.



O escritor suíço Joël Dicker

Uma das dificuldades para solucionar o crime está no fato de os personagens bilionários não demonstrarem nenhuma emoção, e assim preservar a etiqueta e a elegância, bem à maneira suíça. Nenhum deles se decompõe ou se deixa pilhar por perguntas capciosas de investigadores. Os dramas entre os personagens são velados e inconfessáveis como uma conta secreta. Uma Agatha Christie sofreria para contar histórias nesse clima de disfarce.

Com as vendas do livro, Dicker planeja agora apostar em um gênero que ele descobriu conhecer como ninguém e praticamente lançou: o policial financeiro genebrino.

Falar de livros: “O Enigma do Quarto 622”, um mistério repleto de emoções e reviravoltas

Um livro de Joël Dicker, publicado pela Alfaguara.

[Cláudia Sérgio](#)



[O Enigma do Quarto 622](#) é o primeiro livro que leio de **Joël Dicker**. E que bela surpresa se revelou! Obra publicada pela Alfaguara, leva-nos por um mistério que agarra desde a primeira página. O que parecia ser um thriller igual a tantos outros depressa se revela distinto e original. E isto muito se deve à perícia do autor para contar histórias.

A personagem principal desta obra é um homem com o mesmo nome que o autor do livro. Um gesto ousado que parece promover proximidade entre a mente por trás desta história, mas também uma forma de Dicker conseguir homenagear um homem que lhe foi muito especial e que perdeu a vida em 2018: o editor que o lançou: Bernard de Fallois. É que ao mesmo tempo que nos vemos envolvidos no mistério central, ficamos a conhecer o profissional que ajudou ao sucesso internacional do autor, numa homenagem que o imortaliza. Um gesto bonito e que em nada prejudica a trama central.

O assassinato em si e todo o que o envolve está muito bem conseguido. É que antes de querermos saber o que aconteceu no quarto, o autor leva-nos a conhecer um leque de personagens complexas e muito apelativas, fazendo-nos pensar nos motivos que cada uma poderia ter para matar ou ser morta. Sim, porque só mais à frente na trama é que percebemos a identidade da vítima e isso apenas impele para uma leitura mais interessada e rápida.

As figuras desta história vão sendo descobertas aos poucos, como se a cada capítulo lhes fosse retirada mais uma camada até que estejam finalmente expostas. Todas se revelam bastante interessantes, apesar de acabarem por encaixar em certos esterótipos algo esperados. No conjunto, apresentam um drama que tem um crime como motor e que assenta em temas como a família, estatuto, profissão, amor, relações, desejo e, sobretudo, ambição.

Esta é uma história bem construída, que está constantemente a levantar dúvidas no leitor muito graças às reviravoltas mas também à forma como as personagens vão sendo desconstruídas. Ao mesmo tempo, é engraçado ver a brincadeira criada pelo autor de ter uma personagem com o seu próprio nome, levando o leitor a questionar sobre o que pode ou não ser verdade em alguns momentos da narrativa. Um livro singular e que faz perceber o motivo para Joël Dicker estar a ser um caso de sucesso.

Sinopse:

Numa noite de Dezembro, um cadáver jaz no chão do quarto 622 do Palace de Verbier, um luxuoso hotel nos Alpes suíços. A morte misteriosa ocorre em plena festa anual de um prestigiado banco suíço, nas vésperas da nomeação do seu presidente. A investigação policial nada conclui e a passagem do tempo leva a que o caso seja praticamente esquecido.

Quinze anos mais tarde, o escritor Joël Dicker hospeda-se nesse mesmo hotel para recuperar de um desgosto amoroso e para fazer o luto do seu estimado editor. Ao dar entrada no hotel para o que esperava ser uns dias de tranquilidade e inspiração, não imaginava que acabaria a investigar esse crime do passado. Não o fará sozinho: Scarlett, uma bela mulher hospedada no quarto ao lado do seu, acompanhá-lo-á na resolução do mistério, ao mesmo tempo que vai decifrando a receita para escrever um bom livro.

O que aconteceu naquela noite de Inverno no Palace de Verbier? Que crime terrível teve lugar no quarto 622? E porquê? Estas são as perguntas-chave deste thriller veloz, construído com a habitual mestria de Joël Dicker, que pela primeira vez nos leva ao seu país para narrar uma história surpreendente. Um triângulo amoroso, jogos de poder, traição e inveja – nada falta a esta intriga magnética, em que a verdade é muito diferente do que imaginávamos.

O Enigma do Quarto 622': livro mais vendido da França em 2020 chega ao Brasil

Quinto romance de Joël Dicker envolve uma trama policial nos Alpes e estará nas livrarias em 19 de fevereiro

Por FOLHAPRESS / O TEMPO

16/02/21 - 10h24



Foto: @joeldicker/Reprodução

Inscreva-se e receba notícias de O TEMPO

Um escritor suíço tira férias e vai descansar num famoso hotel de montanha, mas se vê carregado, um tanto contra sua vontade, à tentativa de desvendar um mistério, que envolve uma morte, um banqueiro e espiões.

A sinopse já anuncia uma ótima trama policial para escapular um pouco das preocupações pandêmicas, como lavar as mãos, usar máscaras e milhões de mortos.

Os franceses, que passaram por dois lockdowns, devem ter pensado a mesma coisa, e fizeram de "O Enigma do Quarto 622", de Joël Dicker, o livro mais vendido na França em 2020. "Todos nós nos sentimos atraídos pelo mistério, porque todos os seres humanos somos curiosos", diz Dicker. "Parte do prazer que temos ao ler um livro, ou ver um filme ou uma série, vem de ativarmos, de forma artificial, esse mecanismo em nós que ama mistérios."

O catatau de mais de 500 páginas do escritor de 35 anos vendeu cerca de 495 mil cópias na França – no Brasil, que tem o triplo da população francesa, o mais vendido de 2020, "Do Mil ao Milhão", de Thiago Nigro, chegou perto de 350 mil cópias.

Como muitos escritores que atingem o sucesso de vendas, Dicker, porém, nunca foi unanimidade na crítica. Embora tenha ganhado, em 2012, com "A Verdade sobre o Caso Harry Quebert", seu segundo romance, o grande prêmio da Academia Francesa, ele é constantemente apontado como

autor para pessoas que não têm o hábito de ler e acusado de fazer literatura "easy reading", espécie de equivalente, para os livros, à música de elevador.

A acusação ele vê como elogio. "Num mundo no qual os mais jovens, e as pessoas no geral, são parasitadas por seus celulares, pela televisão, pela internet, um mundo no qual as pessoas leem cada vez menos, quando esses artigos dizem isso de mim, é um elogio", diz ele em conversa por vídeo.

Para ele, o trabalho de estimular a leitura dos que não têm o hábito de ler é muito importante. "A leitura e a cultura são a porta aberta para viver junto, para o encontro com o outro, para construir vida e personalidade. Todos deveríamos lutar para que todos tivessem acesso a isso, e para que as pessoas se fechem menos na internet."

"O Enigma do Quarto 622" é seu quinto romance, e o primeiro que se passa na Suíça (e envolve bancos, como mencionado acima) –com exceção do primeiro, sobre resistentes franceses da ocupação nazistas que treinam na Inglaterra, os demais se passam nos Estados Unidos. Ele diz que era difícil inventar uma história em sua cidade, Genebra, porque, quando escrevia, confrontava sua criação sempre à realidade e, ali, não conseguia seguir.

Este é, também, o primeiro livro em que o escritor protagonista leva seu nome. Nos livros de Dicker, sempre há um escritor, ou alguém que trabalha com a escrita, como a jornalista de "O Desaparecimento de Stephanie Mailer", seu romance anterior. Seu maior sucesso, até aqui, "Harry Quebert", adaptado para um seriado disponível no Brasil pelo Globoplay, tem como herói o escritor Marcus Goldman, cuja história familiar é o tema do livro seguinte, "O Livro dos Baltimore". Desta vez, contudo, o protagonista se chama Joël Dicker.

Ele conta que queria brincar com o leitor. "Em 'Harry Quebert' eu criei esse personagem, o Marcus Goldman, que é completamente diferente de mim, e os leitores falavam 'é você', e quando a série saiu, falaram que o ator não se parecia comigo. Mas bom, porque Marcus não sou eu", diz ele, rindo. "Então pensei: 'quer saber, vou tentar criar um personagem que se chama Joël Dicker, para desestabilizar o leitor. Agora ele não diz: 'é o Joël, que mora em Genebra, é você'. Não, ele diz 'será que é você?'" , completa.

O livro, que chega em fevereiro às livrarias do Brasil, depois de ter ganhado uma edição especial no clube de assinatura Intrínsecos, também não faria feio na televisão, com sua história de enigma à la Agatha Christie. Ele alterna duas épocas, entre Genebra e um hotel nos Alpes: 2018, a do escritor que só quer descansar, e a do crime que ele acaba tendo de investigar, cerca de 15 anos antes (o ano não é mencionado no texto), que envolve uma família banqueira tradicional e uma disputa entre sócios. E alterna o tom de mistério com humor e um pouco de romance.

Dicker diz que o sucesso de séries na TV deve muito ao romance, de origem no folhetim. "As séries recuperam os códigos do romance, que era um folhetim, publicado no jornal episódio por episódio, e as pessoas queriam saber. Tínhamos perdido um pouco de vista isso com o cinema, que, em um hora e meia, duas, raramente faz justiça ao livro", diz ele.

As séries adaptadas de livros, porém, ele faz questão de lembrar, seguem sendo adaptações, uma das versões possíveis para um livro. "Não há uma verdade do romance, há tantas verdades quantos leitores, que vão lendo, imaginando e fazendo a sua versão."

Crítica literária: Joël Dicker viciado no crime norte-americano

O escritor suíço regressa em força ao estilo que lhe deu sucesso mundial e repete a fórmula ao milímetro.

João Céu e Silva 06 Julho 2018

SÁBADO



O novo policial de Joël Dicker regressa ao registo do seu primeiro grande sucesso em livro, *A Verdade sobre o Caso Harry Quebert*. Até no título isso acontece, pois chama-se ***O Desaparecimento de Stephanie Mailer***. Nada contra, afinal Quebert era um tesourinho para quem queria ler um policial com o cenário dos Estados Unidos e não tinha paciência para o estilo próprio dos escritores lá do sítio, como os dos James Elroy's da vida.

Dicker inovou em *Quebert* e isso lançou o autor, mesmo que o sucesso nunca se tenha repetido de forma fulgurante nos tempos que se seguiram. Daí que estivesse na altura do autor recuperar a fórmula mágica de um livro que se tornou o melhor equívoco editorial do ano 2012 e venceu prémios impossíveis para o género policial, pois eram concedidos por instituições destinadas ao género sério da literatura. Talvez porque se caracterizava aquela narrativa como indo além desse género literário, impregnado de uma certa vivência da cultura europeia transposta, mesmo que parecesse - nada contra, pelo contrário - inspirado na coleção dos melhores quadros do pintor norte-americano Edward Hopper.

Com *Quebert* e um editor inteligente, Bernard de Fallois, o suíço Joël Dicker vendeu milhares de livros mal estes chegaram às livrarias francófonas, curiosamente poucos meses após a dupla ter lançado *Os Últimos Dias do Nossos Pais*, vencedor do prestigiado Prémio dos Escritores de Genebra.



O mais recente policial do suíço Joël Dicker © DR

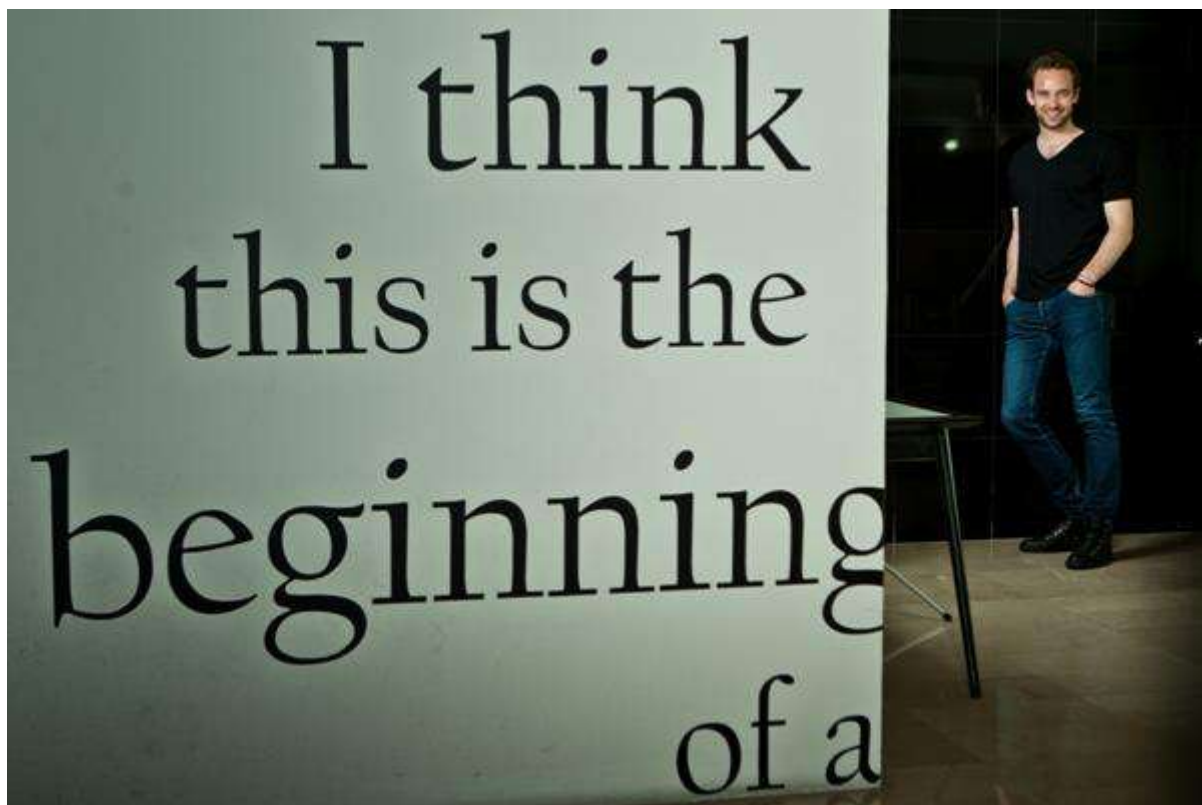
É na Feira do Livro de Frankfurt que tudo cresce, pois *Quebert* tem os direitos comprados para mais de trinta línguas. Sorte grande para os editores porque duas semanas depois *Quebert* recebia o Grande Prémio do Romance da Academia Francesa, e estava na short-list de prémios literários como o Goncourt e o Femina, vencendo até o Goncourt dos pequeninos (Goncourt des Lycéens). Segue-se o grande negócio da editora Penguin para o publicar nos Estados Unidos e Joël Dicker está lançado. [Até passou por Lisboa duas vezes](#), a primeira delas para promover *Quebert* e a segunda *O Livro dos Baltimore*.

Agora, oito anos após *A Verdade sobre o Caso Harry Quebert*, Joël Dicker regressa numa sequela de registo e de argumento com *O Desaparecimento de Stephanie Mailer*. Ou seja, para quem gostou do primeiro é hora de pegar no segundo, que saiu esta semana.

Está tudo lá. **Os capítulos curtos, com vários protagonistas, pistas que levam ao engano, acontecimentos inesperados que deixam o leitor desconcertado.** Tudo isto ao longo de quase sete centenas de páginas, extensão semelhante à de *Quebert*, numa verdadeira maratona de leitura. Sendo que o leitor jamais estará certo do autor do crime antes de fechar o livro, porque as distrações sem fim amontoam-se de forma quase desesperante. Nada que incomode os fãs, claro.

Também estão lá alguns enganos narrativos que não existiam no primeiro livro, designadamente nas duas últimas páginas em que ata as pontas soltas de um modo pouco profissional, quase lamecha, como a de um marido perdoar a infidelidade da mulher e serem ainda mais felizes e o de uma mulher que recebe a confissão de outra infidelidade, a do marido, numa longa carta e esta torna-se um best-seller quando passada a livro. Há mais alguns erros na fórmula, como alguns tempos perdidos na história e que de pouco servem ao leitor.

Tudo começa no presente: uma jornalista encontra-se com um dos dois policiais que tinha investigado o assassinato de uma família na pequena estância balnear de Orphea na noite de 30 de julho de 1994. Na breve conversa informa-o de que o culpado não foi aquele que eles acusaram, mas outra pessoa. Muda-se a página, e a jornalista Stephanie Mailer caminha para a morte pouco depois, deixando os dois policiais que investigaram o caso em apuros de consciência no verão de 2014.



Joël Dicker esteve em Lisboa por duas vezes para promover os seus romances

© Orlando Almeida/Globalimagens

O pressuposto de partida é bom, diga-se. **Joël Dicker não se poupa a reviravoltas** e se o leitor não ficar preso à trama que o autor desenvolve para a primeira centena das seiscentas páginas também não terá interesse algum neste género literário. Pois as personagens estão por norma bem caracterizadas, os acontecimentos surpreendem e a ignorância mantém-se até ao final de *O Desaparecimento de Stephanie Mailer*.

O regresso de Joël Dicker ao seu registo de sucesso faz lembrar aquela canção muito antiga de Carmem Miranda, "Disseram que voltei americanizada", mas realmente é essa a sensação perante o novo romance do autor. O cenário norte-americano está-lhe no sangue e o livro, se desejar ter sucesso, não se pode livrar deste estigma.

Quanto à promoção em torno deste novo livro, o facto de se afirmar que Joël Dicker se supera, fica sempre bem. Aliás, as críticas que suportam o livro na contracapa são sempre boas. Algumas até melhores do que *O Desaparecimento de Stephanie Mailer*.